

ACOMPANHAMENTO E INTERVENÇÕES COM MÃES USUÁRIAS DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS.

CAMILA FEIJÓ LUFT¹; PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO²; GIULIA GALHO BARROS CAETANO³, TAÍS ALVES FARIAS⁴; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁵.

¹*Universidade Federal De Pelotas – camila.feijoluft@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – paolacamargo01@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – giuliacaetano@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – tais_alves15@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas vem sendo foco de grande preocupação mundial e, embora seja um fenômeno antigo na história da humanidade, constitui atualmente um grave problema de saúde pública (MEDEIROS ET AL. 2013).

A mulher usuária de substâncias psicoativas ao se tornar mãe, acaba muitas vezes por se encontrar em uma sociedade que interpreta a sua condição em relação à maternidade de forma distorcida e por vezes isto faz com que as mesmas se sintam pré julgadas, dificultando o acesso para qualquer trabalho que vise a atenção à saúde da mulher usuária de crack. (OLÍVIO; GRACZY, 2011).

O uso de substâncias psicoativas é um tema de alta relevância e merece atenção, atenção esta que deve ser redobrada quando a problemática está vinculada à maternidade. É importante observar a forma com que se da a relação mãe e filho, bem como as implicações sociais e de saúde na vida dos mesmos (CAMARGO, 2014).

A partir disto, o objetivo deste trabalho é descrever as intervenções realizadas por um projeto de extensão e seus respectivos resultados, focando no fortalecimento e na importância da relação mãe e filho.

2. METODOLOGIA

Foi dado início ao projeto de extensão “Promoção da saúde no território: acompanhamento de crianças filhas de usuários de drogas” após observar as necessidades da população durante a coleta de dados para a pesquisa “Perfil dos Usuários de Crack e Padrões de Uso”, realizada no município de Pelotas-RS. As atividades do projeto de extensão vêm sendo realizadas desde o início do ano de 2012, contando com a parceria dos técnicos da Estratégia Redução de Danos e profissionais do CAPS AD.

Desenvolvemos visitas domiciliares de acordo com a necessidade das famílias (quinzenais ou semanais), inicialmente focava-se no cuidado das crianças filhas de usuários de crack, porém com o tempo percebeu-se a necessidade do acompanhamento de toda família. Atualmente, contamos com um grupo integrado por duas bolsistas PROBEC/UFPEL, duas voluntárias, uma pedagoga, que é doutoranda da Pós Graduação em Enfermagem e uma Professora Doutora Coordenadora do projeto.

Desde 2013 acompanhamos quarto famílias, ao total somam 6 crianças entre 1 ano e 10 meses até 15 anos de idade e metade dessas crianças são acompanhadas desde o nascimento.

As visitas domiciliares consistem em avaliar o desenvolvimento das crianças a partir da curva de crescimento, carteira de vacinação, orientações em

relação aos cuidados básicos das crianças, identificação da UBS de abrangência, estabelecimento do vínculo das famílias com as UBS e com os demais serviços que podem auxiliar no desenvolvimento destas crianças, bem como escola e serviço social. Também realizamos exames físicos nas crianças e cuidados com as famílias, como aferir pressão arterial dos demais familiares que participam do cuidado. Após isto, realizamos os registros dos acompanhamentos através de diários de campo e reuniões mensais com o grupo para a discussão sobre os casos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a construção deste trabalho, será utilizado dados, em especial, de duas mulheres, que são acompanhadas pelo projeto e são as principais responsáveis pelos cuidados de seus filhos.

Joana, tem 32 anos, ex usuária de crack. Quando começou a ser acompanhada pelo projeto morava sozinha com a filha Maria, que hoje tem 3 anos, em uma casa sem energia elétrica, possui outros 2 filhos, com os quais não mantém contato, estes estão sob cuidados de familiares. O companheiro estava preso por envolvimento com o tráfico de drogas. Ao iniciar o acompanhamento, o vínculo estabelecido com a mesma foi bastante intenso, o que nos possibilitou realizar importantes intervenções para o cuidado desta família.

Consideramos que uma das principais intervenções do projeto nesta família foi conseguir estabelecer um vínculo com a equipe de saúde da UBS de abrangência da localidade em que a mesma reside. Joana demonstrou, algumas vezes, um certo receio em ser discriminada pelos profissionais evitando uso deste serviço de saúde, o que pode ter acarretado em consequências para a saúde dela e de sua filha, que ao início do acompanhamento, tinha algumas vacinas atrasadas. O preconceito é apontado como uma das principais causas para a formação desta barreira entre o serviço de saúde, as usuárias e a assistência que deveria ser prestada à estas pessoas, pois exige um melhor preparo dos profissionais que prestam este cuidado. (RENNER; GOTTFRIED; WELTER, 2012).

Após a criação deste vínculo, a carteira de vacinação de Maria está completa, Joana realizou diversos exames para acompanhar de forma minuciosa seu estado de saúde, e após várias visitas, escutas terapêuticas, apoio, incentivo, esclarecimentos do projeto, e vontade exposta pela mesma, que conseguiu ver na filha um motivo para parar com o uso de substâncias psicoativas, entre elas o álcool, que em alguns momentos nos referiu ter muitas dificuldade de cessar o uso. Atualmente, Joana está em abstinência do uso de crack. Este caso confirma o que diz MARANGONI; OLIVEIRA (2013) quando fala que a maternidade pode ser um incentivo para a diminuição do uso de substâncias.

Marieta tem 31 anos, é ex-usuária de crack e faz uso de tabaco e álcool (este, de forma controlada). Tem 3 filhos, dois meninos, um com 3 anos, outro de 15 anos e uma menina com 12 anos. Os filhos em idade escolar frequentam a escola. Durante o início do acompanhamento, a mesma engravidou, e com isso, podemos realizar o acompanhamento desde o pré-natal até o presente momento.

O bom vínculo com esta família existiu desde o início, porém, com esta gestação, este se fortaleceu, e percebemos a importância de nossas intervenções na vida de Marieta. A escuta terapêutica pode ter sido uma importante ferramenta para esta aproximação, já que foi através dela, que a mesma pode compartilhar seus medos, angustias e alegrias, e assim percebemos que Marieta já começava a depositar confiança no grupo, se sentia a vontade conosco, visto que procuramos nunca julga-la, mas sim colaborar com a produção de sua saúde e de

sua família. Para CAMARGO (2014), reconhecer e escutar estas usuárias, olhar para elas como ser humano e não apenas para o que elas fazem, são atitudes que fazem as mesmas se sentirem dignas e respeitadas.

Diferente das outras gestações, após o vínculo com o projeto, Marieta realizou todas as consultas de pré-natal da gestação que tivemos oportunidade de acompanhar, aceitou auxílio psicológico e participava, inclusive, de grupos de gestante. Observamos que estas mulheres, apesar de toda a condição de vulnerabilidade que se encontram, atualmente, conseguem realizar os cuidados de seus filhos sozinhas, bem como, conseguiram estabelecer um forte vínculo de amor, carinho e afeto com estas crianças, o que nos mostra que o consumo da substância não altera o papel de mãe dessas mulheres em relação as demais. Segundo CAMARGO (2014) o uso de substância psicoativa é somente um fator na vida dessas mulheres e o papel de mãe que as mesmas desempenham, não depende deste consumo, visto que, a maternidade é um momento único na vida de uma mulher, e que será vivenciado de forma ímpar por cada uma delas, sendo usuárias ou não.

4. CONCLUSÕES

Podemos observar a forma com que o projeto vem intervindo de forma positiva na vida das famílias que fazem parte deste. O vínculo de confiança, e até mesmo carinho e afeto que foi criado com estas pessoas, trouxe incontáveis melhorias tanto para a vida das famílias, quanto para a vida dos integrantes do projeto, que tem a possibilidade de fazer a diferença para a sociedade, de alguma forma, e estão se tornando profissionais mais humanizados.

Este acompanhamento tem auxiliado na mudança de sentimentos, atitudes e postura dos participantes do projeto, que estão com um olhar cada vez mais humanista e acolhedor em relação a estas pessoas, que por muitas vezes são excluídas da sociedade, tanto pela população, quanto por profissionais que atuam na área da saúde e que deveriam tentar incluir e se aproximar destas famílias para então, poder realizar um cuidado integral e humanizado para os mesmos, visto que, estes, não são diferentes do resto da sociedade, que precisa de atenção e cuidado, cada um com suas especificidades.

O estigma em relação a usuários de substâncias psicoativas ainda existe no cotidiano destas famílias, estes são, algumas vezes, tratados com diferença inclusive pelos profissionais da área da saúde, e isto pode se tornar uma barreira para que estes usuários não busquem ajuda e não cuidem da sua saúde. Geralmente, quando este usuário é mulher, e principalmente quando é mãe, este preconceito se exacerba, o que torna a situação mais preocupante, visto que, esta mulher não é responsável apenas por si própria, e sim pela vida de outro ser humano, e por receio de ser discriminada pode acabar negligenciando os cuidados de ambos.

Já existem políticas públicas que visam o cuidado destas pessoas, porém, ainda é preciso mais estudos e esclarecimento da sociedade para que estes sejam vistos como seres humanos e não apenas como usuários de substâncias psicoativas. Há a necessidade de aguçar o olhar, em especial, dos profissionais da área da saúde, para que seja possível ver através da substância, para que consigamos enxergar a pessoa que existe por trás do uso de droga e assim garantir um cuidado humanizado e integral a estas pessoas que possuem este direito, assim como o resto da população.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO P.O. A visão da mulher usuária de cocaína/ crack sobre a experiência da maternidade: vivencia mãe e filho. Pelotas, 2014. 121p. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

MARANGONI, S. R.; OLIVEIRA, M. L. F. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, Jul-Set, 22(3): 662-70, 2013.

MEDEIROS, K.T. MACIEL, S.E.; SOUZA, P.F.; SOUZA, F.M.T.; DIAS, C.C.V. Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. *Psicol. Estud.* Vol. 18 n. 2, Maringá, 2013. Disponível em:<
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000200008> Acesso em 21 de junho de 2016

OLIVIO, M.C.; GRACZYK, R. C. Mulheres usuárias de crack e maternidade: breves considerações. In: Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. GT3-Gênero e Família. Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011. Disponível em:<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Maria%20Cecilia.pdf>. Acesso em 21 de Julho de 2016

RENNER, F.W; GOTTFRIED, J.A; WELTER, K.C. Repercussões neonatais do uso materno de crack. **Boletim Científico de Pedriatria**. Vol. 1, nº 2, p. 63-66, 2012.